



O PAPEL DA CHINA NO COMÉRCIO AGRÍCOLA MUNDIAL*

André Meloni Nassar¹ Saulo Nogueira²



AGROANALYSIS

Introdução

A China é um expoente mundial quando se fala em produção agrícola (alimentos e fibras) e, crescentemente, de bioenergia. Com 130 milhões de ha utilizados com agricultura, 260 milhões de ha com pastagens, 250 milhões de propriedades rurais e mais de 500 milhões de pessoas vivendo e trabalhando na agricultura, conhecer o setor agrícola do país é chave para entender as transformações que ocorrerão no comércio mundial de *commodities* agrícolas, alimentos e biocombustíveis.

O país tem despertado sentimentos opostos na cabeça dos brasileiros. Embora a situação no Brasil ainda não seja igual a dos Estados Unidos, onde praticamente todos os artigos têxteis e brinquedos são produzidos na China, os consumidores brasileiros já se acostumaram com a idéia de adquirir produtos chineses. Do lado de alguns setores industriais, sobretudo aqueles intensivos em mão-de-obra, afetados pela competitividade e crescentes importações de produtos chineses, os sentimentos são de preocupação.

Sentimentos opostos também são encontrados nos setores do *agribusiness*. Grande parte do setor enxerga a China como o mais promissor país no consumo de alimentos e fibras, tendo sido, em grande parte, responsável pelo forte crescimento do comércio de produtos agroindustriais e aumento dos preços assistidos ultimamente. A crescente demanda chinesa por soja, produto de maior expressão no comércio agrícola Brasil-China, foi fortemente responsável pelo crescimento da produção de soja ocorrido no País nos últimos anos. Outros setores, como os de carne bovina e de frango, embora não com um desempenho tão significativo quanto o da soja, também estão se beneficiando do fenômeno chinês. O próximo alvo do apetite chinês é o milho.

Os estoques chineses do produto encontram-se em níveis baixos e a produção do país, por razões que serão extensivamente discutidas neste texto, não conseguirão seguir o ritmo de crescimento da demanda. A China já está se tornando um importador de milho, assim como aconteceu com a soja.

No agronegócio, no entanto, há também preocupações com relação à China. A primeira, e mais óbvia, está relacionada ao seu efeito nos preços dos insumos. Não somente porque o crescimento do comércio chinês levou a um forte aumento nos fretes internacionais mas, sobretudo, por um fenômeno mais estrutural para o setor agrícola: ela é o maior consumidor mundial de fertilizantes e é o país que apresenta a mais consistente taxa de crescimento de consumo nos últimos anos. De 2000 a 2005, o consumo chinês de fertilizantes cresceu cerca de 6 milhões de toneladas, volume equivalente a 70% do consumo total do Brasil. Vê-se que o crescimento econômico chinês provocou um claro desequilíbrio no mercado mundial de fertilizantes.

A segunda preocupação, menos óbvia, mas embasada neste texto, se refere ao papel da China no comércio mundial. Não há dúvida de que ela continuará sendo importadora de produtos intensivos em terra, sendo soja e milho os dois grandes exemplos. Do lado exportador, a China está consolidando seu papel no fornecimento de frutas e vegetais, produtos intensivos em mão-de-obra. No entanto, se depender do governo chinês, o país vai se consolidar como exportador de carnes de suínos, de bovinos e de aves, competindo diretamente com o Brasil nos mercados asiáticos. Países como Nova Zelândia e Austrália já mostram sinais de preocupação em derivados lácteos, como leite em pó, à medida que as exportações chinesas começam a crescer.

Este encarte traz uma análise resumida das tendências e perspectivas do desenvolvimento do setor agrícola e da indústria de alimentos na China e seus reflexos para o comércio internacional de produtos agrícolas, tema de grande interesse para o Brasil.

Macro tendências do setor agrícola chinês

A entrada da China na Organização Mundial do Comércio representou um processo de mudança estrutural no seu setor agrícola. Não só porque o país reduziu fortemente suas tarifas agrícolas, a ponto de possuir atualmente uma estrutura tarifária equivalente a do Brasil para as principais *commodities* comercializadas mundialmente, mas também porque o governo promoveu mudanças profundas em suas políticas domésticas que afetavam o setor agrícola. Finalizado o período de transição em 2004, o país vive um momento de redesenho de suas políticas agrícola e comercial. Esse é, sem dúvida, um motivo de preocupação para o Brasil.

Um mergulho na agricultura chinesa confirma a hipótese de que o país busca explorar suas vantagens competitivas, que são a abundância de mão de obra, com custos competitivos em relação a outros países em desenvolvimento. O país tem uma clara estratégia, traduzida em suas políticas públicas, de promover o desenvolvimento de produtos agrícolas intensivos em mão-de-obra e de alto valor agregado, como frutas, vegetais e carnes, especialmente aves e suínos. A estratégia do país reflete a constatação de que terra é um recurso escasso em território chinês e que somente algumas regiões produtoras possuem oferta suficiente de água.

Agregar valor à produção agrícola, como forma de gerar renda e dar competitividade ao produtor, se transformou em obsessão. Busca-se agregar valor tanto na produção agrícola, incrementando a produção de frutas e vegetais, mas, sobretudo, estimulando o desenvolvimento da indústria de processamento de alimentos. Claramente, a indústria de processamento está se desenvolvendo com muita rapidez. O mesmo pode ser dito sobre o setor varejista. As grandes cidades chinesas em nada perdem para aquelas dos países desenvolvidos na oferta de alimentos no setor supermercadista.

No entanto, mesmo migrando para produtos intensivos em mão-de-obra e assistindo à estagnação dos setores intensivos em terra, a China ainda vive o conflito entre produção e abastecimento nos produtos intensivos em terra, mesmo diante de uma população de 1,3 bilhão de habitantes, que está em claro processo de urbanização (em 2005, cerca de 43% da população já viviam nas cidades), o governo chinês ainda tem claros objetivos de auto-suficiência para produtos básicos, tais como trigo,

arroz e carnes, e dá sinais de forte preocupação com a grande dependência do mercado mundial no abastecimento de soja, preocupação que será estendida para o milho à medida que as importações cresçam. Já se ouve no governo chinês discursos que argumentam que a incapacidade de a China aumentar sua produção de soja, aproveitando-se do enorme crescimento da demanda doméstica, é fruto da competição pelas importações.

Se, de um lado, o consumo de produtos básicos, como arroz e trigo, apresenta tendência declinante, comprovando que o consumidor chinês está migrando para uma dieta mais rica em proteínas, o consumo de carnes e lácteos está em franco crescimento, arastando o consumo de farelo de soja e milho. Isso explica porque a China busca desenvolver políticas que reduzam a sua dependência externa de matérias-primas para rações. Nesse sentido, outro claro objetivo de longo prazo do governo é desenvolver políticas que resultem em aumento de produtividade de soja e milho.

A palavra segurança alimentar está na boca de todos os representantes do governo chinês. Os objetivos são claros: elevado nível de auto-suficiência da produção de arroz, trigo e carnes e controle sobre o nível de dependência externa em produtos como soja (e milho no futuro, certamente). Esses objetivos são determinantes centrais da política agrícola chinesa. Passados seis anos de entrada da China na OMC, o país começa a recompor suas políticas para a agricultura e os objetivos de segurança alimentar certamente estarão por trás dos programas em desenvolvimento. A obsessão pela soberania alimentar fica mais evidenciada no caso do algodão pois, embora as importações estejam em forte crescimento, não há claros objetivos de promover a produção doméstica de algodão.

Dos grandes e populosos países, a China, junto com a Índia, são ainda os grandes bastiões do discurso de que segurança alimentar significa soberania alimentar. Embora o país esteja em franco processo de urbanização, a palavra consumidor tem lá um significado próprio. No Brasil, quando falamos em consumidor, enxergamos um cidadão urbano que adquire alimentos no auto-serviço varejista. Lá, uma significativa parte da massa consumidora ainda vive no meio rural. Isso explica porque o país vive um conflito estrutural na formulação de suas políticas. Uma política para promover abastecimento de alimentos a baixo custo, por exemplo, por meio da importação, é do interesse do consumidor urbano, mas é vista como uma política que pune o consumidor/produtor rural. Esse conflito gera a obsessão pela soberania alimentar.

À sua maneira, a China está recuperando o conceito de multifuncionalidade da agricultura, propalado ostensivamente pelos europeus. Os defensores da multifuncionalidade argumentam que o meio rural tem diversas funções para uma sociedade, que vão além da produção de alimentos e fibras. No caso da China, os objetivos de desenvolvimento rural já contemplam objetivos como garantir a herança rural, desenvolvimento social e meio ambiente. Não é raro ouvir dos oficiais chineses que é preciso criar uma sociedade harmônica no país. A preocupação decorre

do fato de que o seu crescimento econômico tem se dado em bases desiguais, na medida em que a renda *per capita* na população urbana cresce mais e mais rápido que a renda no meio rural. Reduzir essa disparidade, transferindo renda do meio urbano para o rural é uma macro tendência da China.

Embora a renda no meio rural venha crescendo menos que a renda nas cidades, o meio rural está ganhando complexidade do ponto de vista de sua estrutura de atividades econômicas. Já se observam tendências semelhantes às das sociedades como a norte-americana, onde a produção agrícola vem perdendo importância como fonte geradora de renda no meio rural, ao passo que atividades e salários não-agrícolas passam a ter maior importância como fonte de geração de riqueza.

O processo de urbanização ainda é uma tendência com implicações estruturais no setor agrícola. Do lado do consumo, porque a urbanização, aliada ao crescimento econômico, determina mudanças no padrão de consumo de alimentos. No entanto, a urbanização tem um efeito positivo relevante sobre a agricultura chinesa, pois auxilia na consolidação da produção e na redução das propriedades rurais que não estão integradas ao mercado e produzem para subsistência. Em produtos como arroz, trigo, aves e suínos, os números de auto-consumo, ou seja, o volume consumido localmente, são muito grandes. Em um país com 95% dos estabelecimentos rurais com propriedades médias entre 0,2 e 1 ha de tamanho médio, a consolidação pode não resultar em ganho de eficiência, mas certamente contribui para mitigar o problema da elevada dependência pela agricultura de subsistência de algumas localidades e regiões. A consolidação, no entanto, não significa que o governo chinês vá flexibilizar suas regulamentações de propriedade e uso da terra. Controlar a propriedade e o uso da terra ainda será objetivo do Estado chinês.

O tamanho do mercado chinês, a crescente capacidade de exportação de alguns setores, e as preocupações com segurança alimentar são determinantes dos investimentos que são realizados por estrangeiros na China, e pelos chineses no exterior. Embora existam poucos dados documentando investimentos chineses no setor agrícola, sabe-se que há empresas chinesas investindo em produção agrícola em países africanos, com o objetivo de garantir abastecimento para o mercado chinês. Além do varejo de alimentos, que fez pesados investimentos na China, indústrias de alimentos e *tradings houses* também estão se posicionando como forma de diversificar fontes de suprimento de matérias-primas agrícolas. A China pode se tornar um mercado ainda mais atrativo para investimentos no agronegócio se o governo promover mudanças nas legislações de propriedade e uso da terra. Embora esse tema ainda esteja fora das prioridades do governo, é uma opção que não deve ser descartada para o futuro, sobretudo à medida que o consumo de alimentos cresce no país. Ainda desconhecemos casos de empresas brasileiras do agronegócio que tenham investimentos na China. Já nossos concorrentes da Austrália e Nova Zelândia estão se movendo com rapidez nesse sentido.

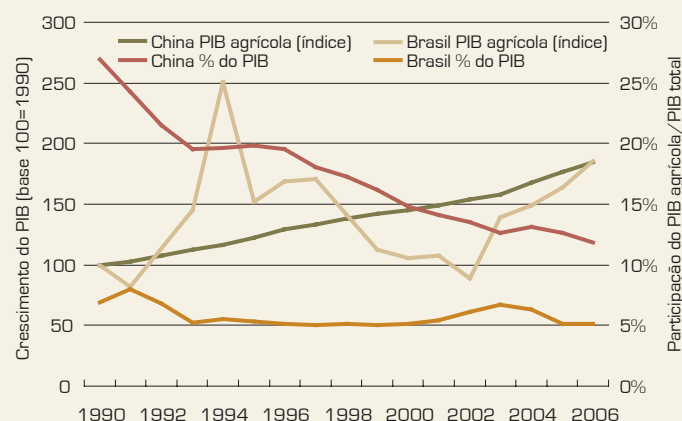
Tendências da produção agropecuária

A produção agropecuária combina enormes níveis de produção com uma estrutura fundiária pulverizada em milhões de pequenos produtores. A pulverização da produção, no entanto, não foi uma restrição, com exceção da produção de soja, para a expansão da produção como resposta ao crescimento do consumo chinês. O PIB agrícola da China em dólares a preços correntes cresceu cerca de 76% de 1990 a 2005. Coincidentemente, esse foi o mesmo nível de crescimento do PIB agrícola brasileiro. A grande diferença está nas enormes oscilações observadas no PIB brasileiro, decorrentes sobretudo das variações na taxa de câmbio. No caso da China, que administra a taxa de câmbio, as oscilações não estão presentes. Enquanto no Brasil o PIB agrícola representa pouco mais de 5% do PIB total, na China a agricultura ainda tem participação de mais de 10% no PIB total. No entanto, a China não foge à regra: o PIB agrícola vem perdendo participação na economia rapidamente, repetindo processo observado no Brasil nos anos 80.

No entanto, a expansão do setor agrícola e da produção de alimentos na China ocorreu de forma desigual entre os diversos setores. Na média, o valor da produção da agropecuária, alimentos (incluindo pesca) e florestas cresceu 160% de 1990 até 2006. A produção agrícola e florestal situa-se abaixo dessa média, ao passo que a produção de pesca e pecuária destaca-se pelo crescimento superior à média.

Enquanto a produção vegetal, incluindo cereais, oleaginosas, frutas e vegetais cresceu 100% de 1990 a 2006, o valor da produção da pecuária (incluindo produção de suínos, aves e gado bovino) atingiu 277% de crescimento para o mesmo período. Esses números são muito importantes para entender o fenômeno agrícola chinês no setor agrícola. Grande parte do baixo crescimento da produção agrícola, pelo menos em rela-

Evolução do PIB agrícola no Brasil e na China

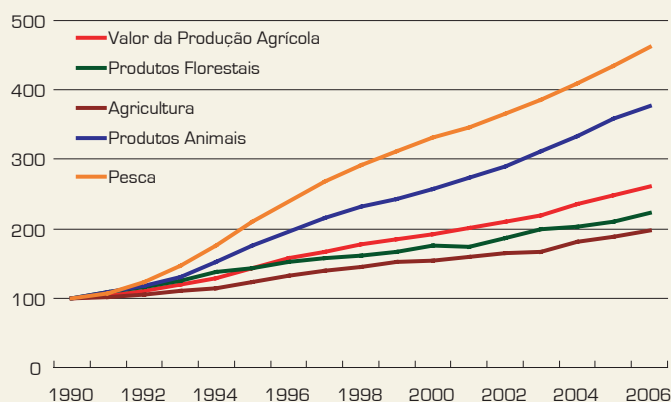


Fonte: NSB

ção à média do setor agropecuário, de pesca e florestal, é explicado pelo menor desempenho da produção de grãos, cereais e oleaginosas. O menor crescimento da produção de grãos está diretamente relacionado ao fato de que são produtos intensivos em terra, recurso escasso na China, e que, dado que são produtos cultivados no Norte e Nordeste chinês, regiões com menor disponibilidade de água, dependentes de irrigação e que tendem a apresentar baixos níveis de produtividade.

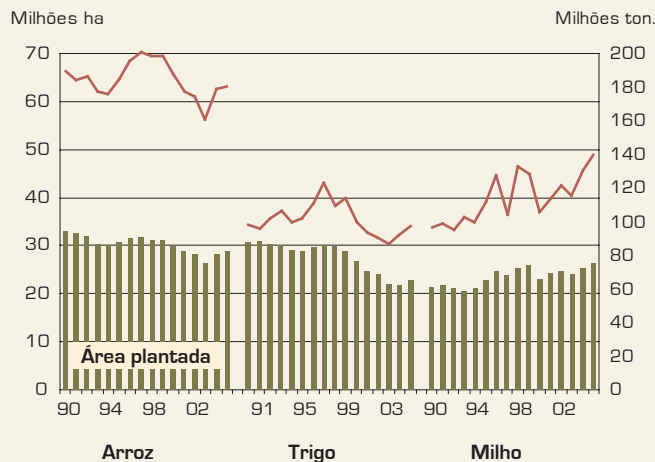
Deseconomias de escala também ajudam a explicar o baixo crescimento da produção de grãos. A estrutura de produção pulverizada da China é um fator de restrição para promover ganhos de eficiência na produção de grãos, sobretudo quanto à mecanização e logística de transporte. A pequena escala dos produtores não tem sido impedimento para a adoção de tecnologias de produção, sobretudo uso de sementes melhoradas e fertilizantes. No entanto, as restrições de água e terra são determinantes do nível de eficiência e para o aproveitamento máximo dos insumos utilizados.

Crescimento do valor da produção da agropecuária, da pesca e de produtos florestais (base 100=1990)



Fonte: NSB

Produção e área plantada de cereais

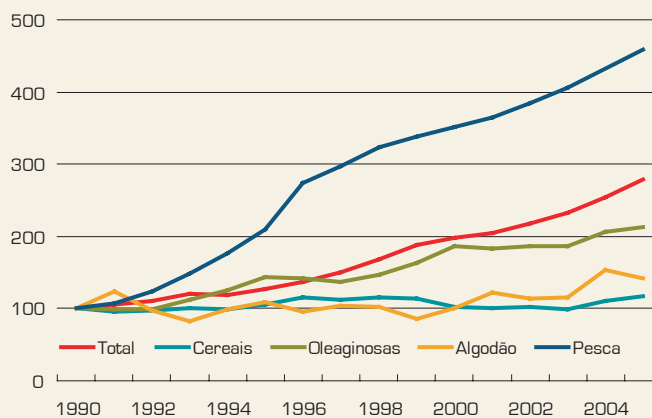


Fonte: NSB

Já no caso da produção de animais, as restrições de terra e água e de pulverização da estrutura fundiária não são necessariamente determinantes da eficiência da produção. Embora a soja seja uma restrição na China, pois o país depende fortemente de importações, a produção de suínos e aves tem demonstrado capacidade de crescer acompanhando o crescimento da demanda.

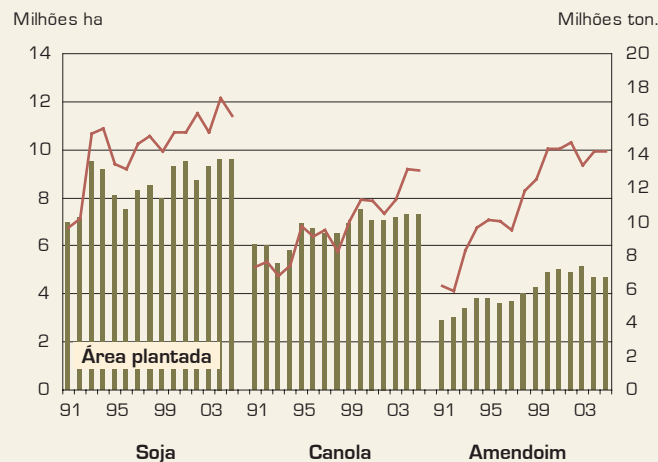
Uma análise detalhada da evolução da produção de cereais e oleaginosas mostra que arroz e trigo são produtos que apresentam redução na área plantada e na produção. A China vem tentando manter os níveis de produção nesses produtos, investindo em aumento de produtividade. Para o período de 1990 até 2005, observam-se ganhos de produtividade ao redor de 0,7% e 1,8% ao ano em arroz e trigo. O menor crescimento do arroz se explica pelo fato de que a China já possui níveis elevados de produtividade, ao redor de 6 mil kg por ha. Já a produtividade do trigo, ao redor de 4 mil kg, ainda pode ser considerada baixa.

Evolução da produtividade da agricultura e pesca



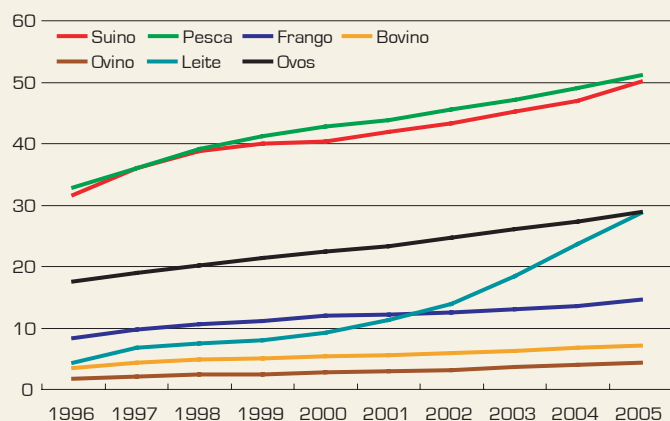
Fonte: NSB

Produção e área plantada de oleaginosas



Fonte: NSB

Produção das principais fontes de proteína (milhões toneladas)



Fonte: NSB

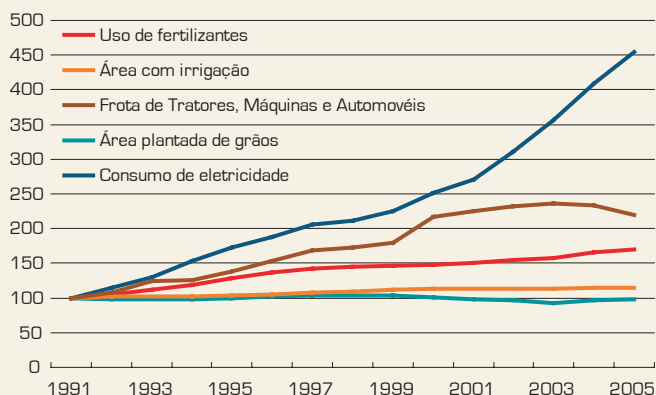
Além disso, é importante distinguir as regiões onde tais produtos são cultivados. A grande maioria da produção de trigo está localizada no Norte, região com escassez de água. O arroz ainda é fortemente cultivado no Sul, em sistemas produtivos com irrigação. Ambos os produtos estão sujeitos à competição por terra em suas regiões de produção. O trigo sofre competição com o milho e oleaginosas e o arroz compete com frutas e vegetais.

É importante ressaltar que existe um certo equilíbrio na competição por terra entre arroz/trigo e milho/oleaginosas. De 1990 a 2005, arroz e trigo juntos liberaram cerca de 11,9 milhões de ha, ao passo que milho e oleaginosas cresceram 10,4 milhões de ha. Lembrando que o arroz é muito cultivado no Sul, região com menor presença de milho e oleaginosas, observa-se que o arroz ainda liberou terra para outros produtos. Ou seja, a China está passando por um forte processo de reestruturação do uso da terra.

Tendência inversa é observada na produção de milho e das oleaginosas (soja, canola e amendoim). Os anos recentes, de 2000 em diante, mostram crescimento de área plantada em milho, soja e canola. Apenas o amendoim apresenta uma estagnação na área plantada nesse período. Embora a produção de milho esteja mostrando sinais de crescimento, os ganhos de produtividade são marginais, ao redor de 0,6% ao ano. Embora haja potencial de crescimento, a produtividade do milho pode ser considerada elevada (ao redor de 5,2 mil kg por ha). A maior restrição para o crescimento da produção de milho é a escassez de água na Região Norte/Nordeste, o que afeta a produtividade e a disponibilidade de terra, que é também um problema na região. Embora haja um grande contingente de terra no Norte, são terras de pastagem natural sujeitas a um clima externamente frio e, por isso, pouco apropriado para agricultura de grãos.

As oleaginosas apresentam ganhos de produtividade maiores que os dos cereais (1,2%, 2,5% e 2,3% ao ano em soja, canola

Evolução da demanda por fertilizantes, eletricidade e frota de máquinas em comparação com a área cultivada com grãos e com irrigação (base 100=1991)



Fonte: NSB

e amendoim). No entanto, os níveis de produtividade ainda são muito baixos comparados aos de países como o Brasil. A produtividade da soja na China não chega a 2 mil kg por ha. Embora o governo venha encorajando o uso crescente de insumos na produção de grãos e oleaginosas, como forma de aumentar a produtividade, fatores como água, terra e pulverização da produção em pequenos produtores sempre serão restrições ao incremento da produção dos produtos. No caso de trigo e arroz, a redução da produção é compensada por uma redução do consumo pela migração do consumidor para dietas mais protéicas. Já no caso de milho e oleaginosas, matérias-primas para ração e para a indústria de alimentos, o crescimento do consumo será atendido por meio de importações, dada a grande dificuldade de incremento na produção.

A produtividade mencionada anteriormente, que é baseada na produção por unidade de área, indicava que as oleaginosas apresentavam desempenho superior aos cereais. A produtividade por trabalhador confirma a constatação. Outros setores da agropecuária, com exceção de cereais, oleaginosas e algodão, apresentam ganhos de produtividade mais expressivos, uma vez que o ganho de produtividade total é mais alto que desses setores. Em algodão e cereais, pode-se afirmar que praticamente não houve ganho de produtividade em 15 anos.

A produção de proteínas na China, por sua vez, apresenta consistente tendência de crescimento. Os pescados têm grande importância na dieta alimentar dos chineses e, por isso, são sempre analisados em conjunto com as demais fontes de proteína animal. Carne suína é a mais produzida em volume quando comparada às carnes avícola e bovina. No entanto, a tendência de crescimento da produção é observada em todos os produtos. As fontes de proteína mostram crescimento médio anual mais alto que o crescimento das oleaginosas e do milho, por exemplo. Ou seja, a produção doméstica de matérias-primas para rações não tem conseguido acompanhar o crescimento da produção de carnes.

A produção de leite merece uma menção especial devido ao forte crescimento observado de 2002 em diante. Observa-se também que os ovos são também uma importante fonte de proteína para os chineses.

Fatores de restrição ao crescimento da produção agropecuária

Disponibilidade de terra e água, no que diz respeito aos recursos naturais, o que implica aumento do custo de oportunidade de ambos à medida que o país cresce, e pulverização da produção em pequenos produtores, são os fatores centrais de restrição à expansão do setor agrícola chinês. No entanto, é importante lembrar que esses fatores podem ser considerados restrições efetivas para a produção cereais e oleaginosas e não são, necessariamente, restrições para a produção de proteína animal e produtos hortícolas.

A busca por aumento de produtividade por meio do uso mais intenso de fertilizantes e mecanização agrícola foi a opção utilizada pelos produtores chineses. Embora a área plantada de grãos e com culturas irrigadas tenha permanecido estável de 1991 a 2005, o consumo de fertilizantes, eletricidade e máquinas para agricultura cresceu de forma vigorosa no mesmo período, o que demonstra um esforço da China em tornar sua agricultura mais eficiente e mais produtiva. No entanto, a produtividade dos cereais e do algodão não tem respondido ao aumento do uso de fertilizantes no campo.

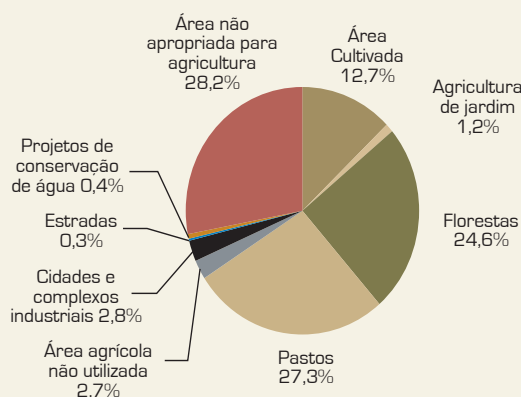
Já o fenômeno de grande crescimento do consumo de eletricidade e na frota de máquinas e tratores é explicado pela expansão da produção de carnes, frutas e vegetais, sobretudo por conta da adoção crescente de sistemas intensivos de produção de vegetais que fazem uso de estufas e irrigação.

Os dados de uso corrente da terra na China mostram que o país já ocupa grande parte de sua área agricultável com produção. Segundo estimativas do governo, o país possui apenas 2,7%, ou cerca de 26 milhões de ha, que são apropriados para agricultura e que ainda não são utilizados. O país já cultiva cerca de 122 milhões de ha (12,7% da área total do país), os quais poderiam ser incrementados em cerca de 20%. Embora as áreas de pastos sejam de grande monta (262 milhões de ha), não são conversíveis para produção agrícola, sobretudo porque estão em regiões de clima temperado, de baixas temperaturas, nas Regiões Norte e Noroeste. Além disso, o governo estima que existam, nessas regiões, cerca de 260 milhões de ha de terra sofrendo problemas de desertificação. Desse total, estima-se que 68% sejam de pastagens e 23% de terra para agricultura.

A disponibilidade de água para agricultura é também um tema de preocupação para o governo chinês. A oferta de água apresenta dois problemas: (1) embora a disponibilidade total seja elevada, é limitada em termos *per capita*; (2) a oferta de água proveniente das chuvas é insuficiente, mesmo no verão, nas Regiões Norte e Noroeste, obrigando o uso de irrigação para produção de grãos. O país, no entanto, convive com problemas de perda de produção decorrentes de enchentes e transbordamentos, mas esses fenômenos ocorrem sobretudo no Sul. O problema central da baixa disponibilidade *per capita* de água é que o setor agrícola, maior consumidor da água, com cerca de 63,5% do total em 2005, sofre competição crescente dos setores industriais e dos consumidores urbanos. Dados de 2000 mostram que o setor agrícola consumia 69% do total de água consumido. A crescente competição não só levará a um aumento do custo de oportunidade da água, como também vai afetar diretamente a produção irrigada que, como já foi mostrado anteriormente, cobre 55 milhões de ha no país.

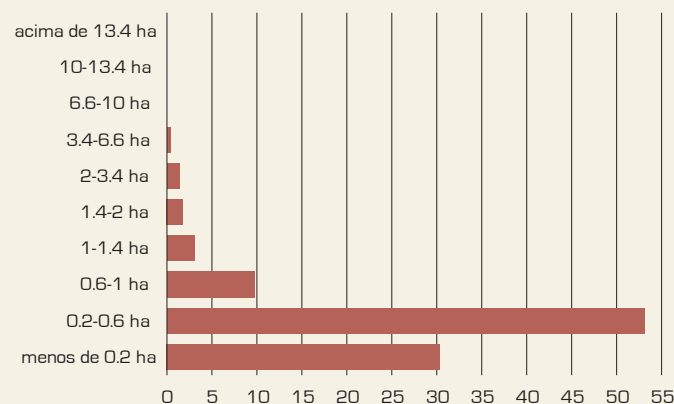
O terceiro fator de restrição à expansão da produção agrícola chinesa é a estrutura de produção. Cerca de 30% das propriedades rurais, de um total de 250 milhões, têm área de até 0,2 ha. Esse grupo é o chamado “agricultura de jardim”. Dos

Uso da terra na China (2006)



Fonte: NSB

Estratificação das propriedades rurais (porcentagem do número total de propriedades rurais)



Fonte: NSB

70% restantes, cerca de 62,5% têm propriedades entre 0,2 e 1 ha. Na produção de animais, a situação não é diferente. Mais de 60% dos produtores de suínos têm menos que 50 animais, 70% deos de bovinos têm menos do que 10 animais e 55% dos produtores de aves e ovos têm menos do que 2.000 aves.

Mudanças fundamentais no consumo de alimentos na China

Uma das fortes preocupações do governo chinês se refere ao crescimento desigual da economia do país. Essa constatação tem importantes implicações na tomada de decisão do governo em relação às políticas de redução de desigualdade e apoio ao desenvolvimento rural que estão em prática na China.

A mudança dos hábitos de consumo, fruto do crescimento da renda *per capita*, no entanto, é um fenômeno que ocorre tanto no meio urbano quanto no rural. No entanto, a diferença central é que no meio rural a tendência de migração do consumo de cereais para proteínas e frutas e vegetais é menos intensa e profunda. Nas estimativas de consumo de alimentos, comparando as tendências nos meios urbanos e rural, observa-se que o consumo de grãos está em queda nas cidades e no campo, e o consumo de fontes de proteína (carnes, pescados, ovos e leite) cresce em ambos. O tamanho do crescimento e o volume consumido, entretanto, são diferentes. Ainda se consome mais grãos no campo que nas cidades. Já o consumidor urbano demanda mais leite que o consumidor rural.

Crescimento da população, urbanização, crescimento de renda, redução nos preços por meio da desregulamentação do mercado doméstico e maior abertura comercial, levando a um aumento na competição, são os principais fatores que explicam o crescimento do consumo de alimentos na China.

A política agrícola da China e suas implicações para o comércio

A política agrícola chinesa tem sua base de sustentação em 5 grandes linhas estratégicas: (1) sustentação de preço e renda ao produtor; (2) subsídios para uso de insumos; (3) subsídios via crédito e capital para investimento; (4) infraestrutura rural e serviços públicos e (5) pesquisa e extensão rural. Seguindo a

lógica de um governo centralizado, o chinês desenvolve sua política agrícola com base em planos quinquenais. O plano para o quinquênio de 2006 a 2010 estabelece os seguintes objetivos de política agrícola: (1) garantir oferta de grãos e de outros produtos agrícolas de forma efetiva; (2) aumentar a rentabilidade da produção agrícola e sustentabilidade na renda das pessoas que vivem no campo; (3) garantir um desenvolvimento harmônico da sociedade rural.

As políticas que mais interessam ao agronegócio brasileiro são aquelas que podem produzir impactos negativos no mercado mundial de produtos agrícolas. Desde a entrada na OMC, o governo chinês vem montando sua estrutura de política agrícola procurando combinar as restrições impostas pela própria organização e os objetivos estabelecidos nos planos anuais. Observa-se, nos anos recentes, um forte aumento dos gastos do governo com o setor agrícola, sobretudo a partir de 2002. As rubricas de suporte à produção e formação de capital,

Mudanças no consumo urbano dos principais alimentos (kg per capita)

	1990	1995	2000	2005
Grãos	130,72	97,00	82,31	76,98
Legumes	138,70	116,47	114,74	118,58
Oleaginosas comestíveis	6,40	7,11	8,16	9,25
Suíno	18,46	17,24	16,73	20,15
Bovino e carneiro	3,28	2,44	3,33	3,71
Frango	3,42	3,97	5,44	8,97
Ovos	7,25	9,74	11,21	10,40
Pesca	7,69	9,20	11,74	12,55
Leite	4,63	4,62	9,94	17,92
Açúcar	2,14	1,68	1,70	N.A.
Frutas e melão	41,11	44,96	57,48	56,69

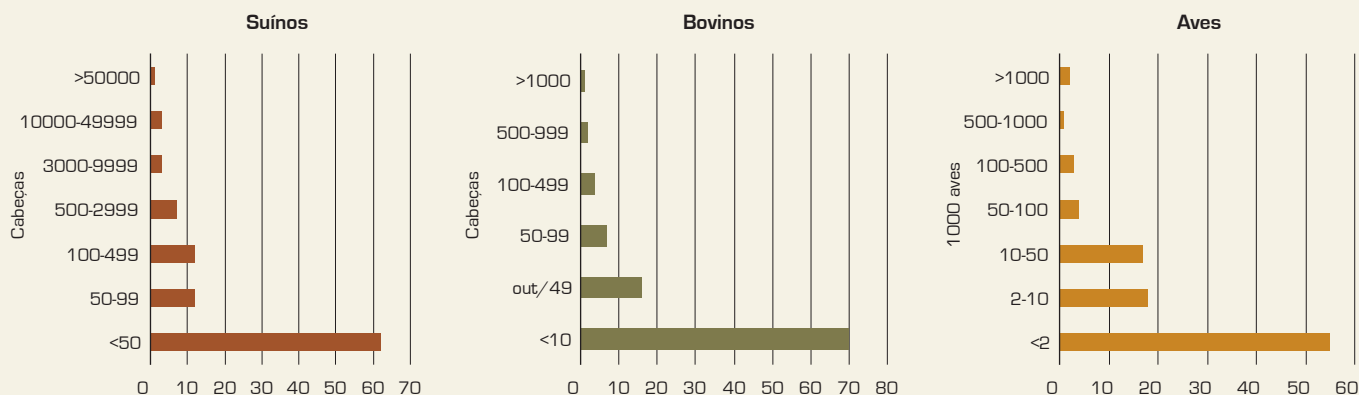
Nota: os valores referem-se às quantidades compradas e os grãos são em peso processado. Fonte: NSB

Mudanças no consumo rural dos principais alimentos (kg per capita)

	1990	1995	2000	2005
Grãos	262,08	258,92	250,23	208,85
Legumes	134,00	104,62	106,74	102,28
Oleaginosas comestíveis	3,54	4,25	5,45	4,90
Suíno	10,54	10,58	13,28	15,62
Bovino e carneiro	0,80	0,71	1,13	1,47
Frango	1,26	1,83	2,81	3,67
Ovos	2,41	3,22	4,77	4,71
Pesca	2,13	3,06	3,92	4,94
Leite	N.A.	0,64	1,06	2,86
Açúcar	1,50	1,28	1,28	1,13
Frutas e melão	N.A.	13,01	18,31	17,18

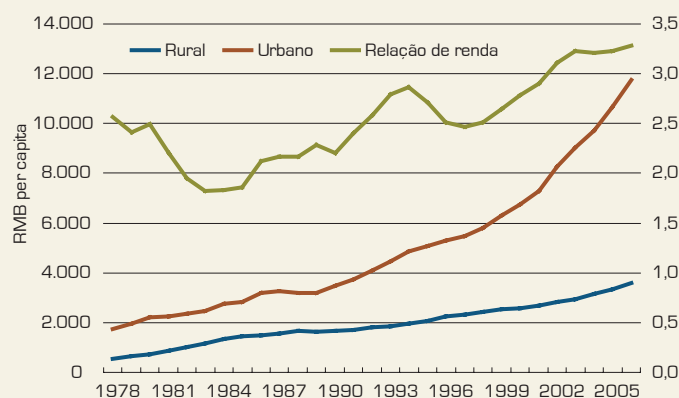
Nota: valores referem-se às quantidades consumidas e o consumo de grãos é em peso não-processado. Fonte: NSB

Estrutura da produção comercial de animais (% da produção total)



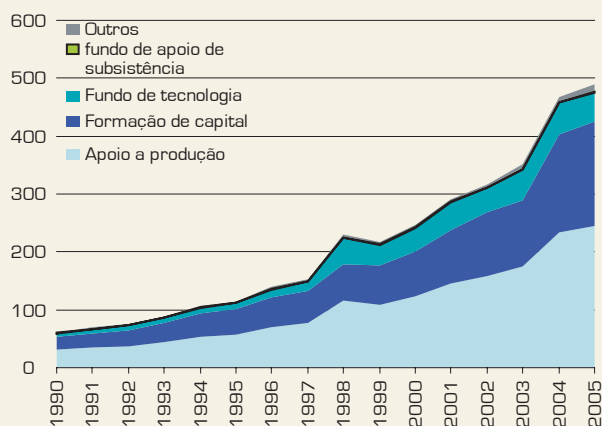
Fonte: Ministério da Agricultura da China

Evolução da renda per capita nos meios urbanos e rural



Fonte: NSB

Gastos públicos com o setor agrícola (bilhões de RMB *)



* Moeda chinesa Fonte: NSB

que estão relacionadas nas linhas estratégicas de sustentação de preço e renda, subsídios aos insumos e apoio a crédito e investimentos, são aquelas que mais cresceram. No entanto, a rubrica vinculada à pesquisa e à extensão não mostra sinais de mudanças nos anos recentes.

Além disso, o governo chinês tem em curso uma estratégia de eliminação das taxas que incidem sobre o setor agrícola. A eliminação do peso dos impostos sobre o setor agrícola certamente terá forte impacto na renda do produtor e poderá levar a um aumento de produção de algumas *commodities*.

As políticas de garantia de renda e preço, aliadas às políticas para aquisição de insumos (sementes, maquinário agrícola, fertilizantes e programas de apoio a controle de pragas e pestes), devem ser motivo de atenção pelo agronegócio brasileiro. Essas políticas vêm ao encontro dos objetivos da China de garantir segurança alimentar que, em última análise, podem levar à produção de excedentes, que poderão se converter em exportações subsidiadas no futuro. O governo chinês já gasta com o setor agrícola valores equivalentes a US\$ 50 bilhões de dólares.

A despeito da agricultura chinesa ser muito grande, os programas ligados à garantia de renda e preço e de subsídios aos insumos poderão trazer impactos negativos no comércio mundial. As políticas chinesas, do ponto de vista do mercado e do comércio mundial, servem de contrapeso aos problemas de expansão da produção associados às restrições de terra e água e de pulverização da produção. O balanço entre esses dois fatores – políticas estimulando produção embasadas no argumento da segurança alimentar e o peso das restrições no aumento da produção – desenharam a China e seu futuro papel no comércio mundial de alimentos e fibras.

1 Diretor geral do Icone

2 Pesquisador do Icone

* Texto baseado no documento Overview of Agri-Food Structure, Trade and Policies in China, preparado por Tian Weiming, no contexto do projeto coordenado pelo Icone Rede Latino-Americana e Asiática de Inteligência em Agricultura e Alimentos. O sumário executivo e o texto em versão na íntegra estarão disponíveis no site do Icone (www.iconebrasil.org.br) a partir de fevereiro de 2008.